



A mãe

Autor: Máximo Gorki

ISBN: 978-85-8739-407-1

Páginas: 456

Formato: 14 x 21 cm

Peso: 488 g

Preço: R\$ 36,00

2ª edição: novembro de 2011

1ª reimpressão: dezembro de 2016

SINOPSE

A mãe – Máximo Gorki - Há obras que marcam a literatura por seu caráter épico. *A mãe*, de Gorki, é uma delas. Não apenas por relatar a transformação de uma mulher oprimida em uma militante em idade avançada, mas por trazer uma reflexão atual e profunda aos leitores sobre o processo da revolução socialista, na Rússia, e a importância da participação das mães na luta contra as injustiças. O romance foi escrito em 1907, inspirado em acontecimentos reais: a manifestação do 1º de Maio de 1902, na cidade de Sormovo, e o subsequente julgamento dos jovens trabalhadores pela repressão czarista. As personagens centrais desses acontecimentos – o operário Piotr e sua mãe, Anna– passam da tragédia familiar e alcançam a força épica da luta de classes. Aquela mulher que trabalhou pelo marido e pelo filho, presa às duras rotinas do trabalho doméstico, nunca imaginou que sua vida ganharia um sentido libertário em uma idade tão avançada. Por isso, há mais de cem anos o romance *A mãe* ganhou popularidade em todo o mundo. A obra é um retrato dramático e fascinante da luta revolucionária vista a partir da ótica da mulher oprimida que conquista a participação política na luta de classes. Quando aquela que se via apenas uma mulher oprimida e sem as energias da juventude se coloca contra a violência do Estado czarista ao lado dos companheiros do filho, percebe que sua luta é maior, pelo fim da opressão capitalista. Com certeza, poucas obras da literatura universal despertaram tanto entusiasmo político em velhos e jovens militantes de esquerda, reacendendo a disposição para a luta por um mundo mais justo: sempre é tempo de lutar. Máximo Gorki (1868-1936) é considerado um dos fundadores da literatura soviética. Um autêntico romancista da revolução proletária. (456 páginas, 14 x 21 cm, reimpressão dezembro de 2016, ISBN: 978-85-8739-407-1, Coleção Literatura, R\$ 36,00)

SOBRE O AUTOR

Aleksei Makímovitch Piechkóv (1868-1936), escritor consagrado com o pseudônimo de Máximo Gorki, o Amargo, nasceu em Níjni-Novgorod, na Rússia, e representou a transição da literatura naturalista e realista do século XIX à literatura socialista do século XX. Para isto, sua vida tem peso fundamental. Durante a monarquia czarista, sua família viveu a decadência econômica da pequena burguesia, e, com a morte precoce dos pais, aos 7 anos de idade, o garoto órfão se iniciou na vida amarga e dura do povo russo. Sem que pudesse ser sustentado, saiu de casa em busca de trabalho, vagou por cidades e campos, conheceu de perto os personagens de suas histórias: camponeses, operários, marinheiros, desempregados, moradores de rua, prostitutas,



Rua Abolição, 201, Bela Vista - 01319-010 - São Paulo, SP

Fones: (11) 3105.9500 - 4063.4189 - 3522.7516

editora.expressaopopular.com.br | www.expressaopopular.com.br

estudantes, etc. Aos 9 anos, foi lavador de pratos de um navio, estivador, padeiro, jardineiro, fazendo inúmeros amigos com quem compartilhou a leitura de diferentes tipos de literatura. Com esperanças, procurou a universidade de Kazan, mas foi rejeitado por ser um trabalhador pobre. Aproximou-se do movimento “naródniki”, de valorização da cultura camponesa, mas não conseguiu identificar-se com seus princípios políticos. Mais uma vez a amargura tomou conta de sua vida, quando tentou suicídio com revólver. Ferido no pulmão, ele sobreviveu, mas obrigado a conviver para sempre com doenças como a tuberculose. Continuou suas viagens por terras longínquas, conhecendo profundamente todas as culturas do povo russo, quando publicou seus primeiros em jornais contos com personagens retiradas dessa realidade e foi preso por suspeita de atividades políticas de oposição à monarquia czarista. A prisão o aproximou de militantes revolucionários e da teoria marxista. Seu estilo sincero e crítico foi rapidamente reconhecido pelos leitores. Constituiu família e viveu a fama de grande escritor, ao lado de Tchekov e Tolstói. Com o dinheiro, apoiou os movimentos revolucionários e colocou sua literatura a serviço da revolução socialista. Sofreu novas prisões, conheceu a deportação, mas sua fidelidade à luta do povo russo o tornou ainda mais querido e popular. Perdeu o título de membro da Academia de Ciências, seção de Literatura, por ordem do czar, mas ganhou apoio dos escritores progressistas. Ao estreitar na dramaturgia, ainda sob pressão da censura, ganhou notoriedade no exterior. Por isso, ao ser preso mais uma vez em 1905, a campanha internacional forçou o governo a libertá-lo. Fundou com os bolcheviques, facção do Partido Social-Democrático Russo, o jornal *Vida Nova* e procurou no exterior apoio financeiro para a revolução. No exterior, entrou em desacordo com Lênin sobre questões religiosas, mas assim que a revolução russa foi vitoriosa, em outubro de 1917, passou a participar ativamente da construção da cultura do governo soviético. No Estado, organizou atividades literárias e a publicação de a coleção de obras internacionais. Depois da morte de Lênin, passou pela pressão do governo Stalin para a formatação de um estilo único de arte, o realismo socialista. Nesse período, valorizou a formação de uma frente internacional contra o avanço do fascismo. Sua morte, em 1936, aos 68 anos, foi atribuída a um suposto envenenamento que poderia ter sido feito pela polícia política stalinista.

Principais obras de Gorki, em ordem cronológica:

- 1897- novelas Konovalov, Malva, O casal Orlóv, Os ex-homens;
- 1899- Fomá Gordieiev;
- 1901- peça Os pequenos-burgueses;
- 1902- peça No fundo;
- 1904- peça Os veranistas;
- 1906- peça Os inimigos;
- 1907- **A MÃE;**
- 1908- Vida de um homem inútil; Uma confissão;
- 1909- A cidadezinha de Okurov; Vida de Matviéi Kojemiákin;
- 1914- Páginas de um diário; autobiográfico, Infância;
- 1916- autobiográfico, Ganhando meu pão;
- 1922- novela Sobre o primeiro amor;
- 1923- autobiográfico, Minhas universidades;
- 1924- Páginas de um diário;
- 1925- O negócio dos Artamonov;

1925-1936- Vida de Klím Sámguin;

1931- peça Iegor Bulitchóv

TRECHOS DO ROMANCE

A mãe, o filho, o livro e a luta por uma nova vida

“–Senta-te, mãe...

Ela sentou-se pesadamente ao lado dele e endireitou-se, atenta e séria, e preparou-se para ouvir algo importante.(...)

–Leio livros proibidos. Os livros são proibidos porque dizem a verdade sobre a vida de operários... São impressos às escondidas e, se os encontram aqui, metem-me na prisão, porque eu quero saber a verdade. Compreendes?

(...) Não chores! –pediu com ternura, mas para a mãe era como se ele lhe estivesse a dizer adeus para sempre.

– Pensa um pouco na vida que levávamos! Tens 40 anos, mas poderás dizer que realmente viveste? O pai batia-te... Compreendo agora que ele se vingava nas tuas costas do seu desgosto que o sufocou durante toda a vida, sem que ele soubesse a razão. Trabalhou 30 anos; quando começou, a fábrica tinha apenas dois edifícios, agora tem sete!

(..) Ela ouvia-o e abanava a cabeça com tristeza; enchia-a um sentimento novo, desconhecido, misturado de dó e de alegria, que lhe aquecia ternamente o coração magoado. Era a primeira vez que ouvia falar assim da sua vida, e aquelas palavras despertavam nela pensamentos vagos, adormecidos desde há muito, faziam reviver lentamente um sentimento extinto de obscura insatisfação, reanimavam os pensamentos e as impressões da sua juventude longínqua. Ela falava muito da sua vida às amigas, falava longamente de tudo, como as outras, mas sabia apenas lamentar-se; ninguém nunca lhe havia explicado a razão de a vida ser tão custosa e tão difícil. E agora o filho estava sentado ali e tudo o que diziam os olhos dele, o rosto dele, as palavras dele, tudo isso lhe ia direto ao coração, enchia-a de orgulho por um filho que compreendia tão bem a vida da sua mãe, que falava dos sofrimentos dela, que lamentava por ela.

As mães, ninguém tem pena delas.

Ela sabia disso. Tudo o que dizia Pavel da vida das mulheres era verdade, verdade amarga e familiar, e o coração dela palpitava numa loucura de doces sensações, a sua ternura desconhecida confortava-a pouco a pouco.

– E então, que vais fazer? – perguntou, interrompendo o filho.

– Aprender, para depois ensinar aos outros. Temos que estudar, todos nós, operários. Temos que saber, temos que entender a razão de a vida ser tão dura para nós.”

Juntos nas manifestações de rua

“A mãe divisou no fim da rua, barrando o acesso à praça, um muro cinzento de homens sem rosto, uniformizados. Por cima de cada ombro, a lâmina fina e afiada de uma baioneta libertava um reflexo frio. E desse muro silencioso, imóvel, parecia soprar um vento gelado que atingia os operários e penetrava até o coração da mãe.

expressão POPULAR

(...) Seguiu-se um silêncio atento. A bandeira ergueu-se, balançou, ondulou, sonhadora, por cima das cabeças, avançou sem obstáculos até o muro cinzento de soldados. A mãe tremeu, fechou os olhos e soltou um gemido. Pavel, Andrei, Samoilov e Mazine, todos os quatro, destacaram-se sozinhos da multidão.

(...) A multidão começou a avançar, batendo cadenciadamente com os pés no chão. E uma nova canção se elevou, resoluta e entusiástica: *Destes tudo por ela ... Pela liberdade.*

(...)

A mãe apertou as duas mãos contra o peito; olhou em volta e viu a multidão, que pouco antes enchia compactadamente a rua, parar no mesmo local, indecisa, e dela se separarem os homens da bandeira: *O despotismo cairá... E o povo erguer-se-á...*

(...) Os jovens da bandeira vermelha e a corrente cerrada de homens cinzentos aproximavam-se cada vez mais; distinguíam-se nitidamente os rostos dos soldados, que pareciam desenhar monstruosamente em toda a largura da rua uma faixa de um amarelo sujo. Olhos de cores diferentes aí estavam cravados de forma desigual, e as pontas afiadas das baionetas cintilavam com crueldade. Apontadas aos peitos, separavam da multidão as pessoas uma a uma, antes mesmo de lhes tocarem, e desfaziavam-na.

(...) A mãe recebeu uma pancada no peito. Por entre a neblina que lhe embaçava a vista, viu diante dela o pequeno oficial; tinha a cara vermelha, congestionada. Gritou-lhe: – Sai daqui, velha! A mãe baixou o olhar; aos pés dele viu a haste da bandeira partida em duas; num dos pedaços havia ainda um pedacinho de tecido vermelho. Abaixou-se e panhou-o. O oficial arrancou-lhe o pau das mãos, atirou-o para o lado e gritou, batendo com os pés no chão: – Sai daqui, já te disse! Do meio dos soldados brotou uma canção: *Levanta-te, povo trabalhador!*(...) Cambaleante, a mãe aproximou-se do pedaço da haste que o tenente atirara para o lado e apanhou-o de novo.

– Sai daqui, demônio! – rugiu ao seu ouvido um jovem soldado de bigode, empurrando-a para a calçada.

Afastou-se ali, apoiada no pedaço da haste da bandeira, com os joelhos a vergar. Para não cair, com a outra mão agarrava-se às paredes e às cercas. (...) Sempre apoiada na haste, recomeçou a andar; de repente, a testa cobriu-se-lhe de suor, os lábios murmuraram qualquer coisa, a mão agitou-se, uma torrente de palavras avassalou o seu coração, enraizou-se nele, acendendo um desejo ardente, imperioso de libertá-las, de gritá-las...”

Aprendendo com as jovens companheiras

“... Todos os que trabalham pela verdade, marcham também lado a lado! As pessoas tornaram-se de repente próximas, compreendendo-as todas. As palavras não, mas o resto compreendo.

– É isso – disse Ludmila. – É isso...

A mãe pousou uma mão em Ludmila, empurrou-a suavemente e continuou quase num murmúrio, como se visse aquilo de que falava:

– Os nossos filhos andam pelo mundo! É isso que eu compreendo: andam pelo mundo, pela Terra toda, por toda a parte, com um só fim!... Os melhores corações, os espíritos monestos avançam resolutamente contra tudo o que é mau, esmagam a mentira sob os seus passos firmes. Os jovens, os jovens são oferecem a sua força irresistível a uma só coisa: à justiça! Marcham para a vitória sobre a dor humana, pegaram em armas para varrer o mal do mundo, lutam pelo triunfo sobre a maldade, e triunfarão! ‘Acenderemos um novo Sol’, disse-me um deles, e hão de acendê-lo! ‘Reuniremos todos os corações despedaçados num só...’ E serão capazes disso! ”.



Rua Abolição, 201, Bela Vista - 01319-010 - São Paulo, SP

Fones: (11) 3105.9500 - 4063.4189 - 3522.7516

editora.expressaopopular.com.br | www.expressaopopular.com.br

Nas tarefas coletivas da libertação

Ao meio-dia estava na prisão, sentada diante do filho; contemplava , através da névoa que lhe embaçava os olhos, a cara barbuda do filho, espreitando o momento para lhe passar o bilhete que tinha apertado entre os dedos:

– Estou bem, todos estamos bem – disse ele a meia voz. – E tu?

– Vou bem! Iegor morreu! –respondeu ela maquinalmente.

– Sim! – exclamou Pavel e baixou a cabeça.

– No enterro, houve um confronto com a polícia, fizeram prisões! –continuou ela com toda a simplicidade.

Os lábios finos do subdiretor da prisão tremeram irritados e ele resmungou, saltando da cadeira:

– É proibido, compreendam de uma vez por todas! Não se pode falar de política!

A mãe levantou-se também e disse, confusa, como se não compreendesse:

– Não estava falando de política, mas do confronto! E é mesmo verdade que houve luta. Um rapaz até ficou com a cabeça partida...

– Dá no mesmo! Peço-lhe que se cale! Quer dizer, pode falar apenas do que lhe diz respeito pessoalmente, da família, da casa!”

As mães se unem na dor e lutam por verdade e justiça

“Todas as mulheres choravam, mas mais por hábito do que por aflição. Não era a dor aturdida do golpe estúpido, brutal e inesperado recebido na cabeça, e sim a triste consciência de terem que se separar dos filhos, embora essa própria consciência também se afogasse, dissolvesse-se nas impressões acumuladas nesse dia. Os pais olhavam para os filhos com um sentimento confuso, em que a desconfiança que lhes inspirava a juventude e a consciência da sua própria superioridade se misturavam estranhamente com uma espécie de respeito; perguntavam-se com tristeza como iriam viver dali para a frente, e este pensamento doloroso e persistente se chocava com a curiosidade provocada por aqueles jovens que falavam audaciosamente da possibilidade de uma outra vida melhor. Incapazes de expressarem esses sentimentos, desfaziam-se num fluxo de palavras, mas falavam apenas de coisas simples: da roupa e da necessidade de cuidarem da saúde”.